[Recensão a] Gimeno Pascual, Helena, Artesanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45469>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_34_11

Accessed : 26-Apr-2023 11:20:08

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

CONIMBRIGA

VOLUME XXXIV – 1995

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

mosaicos por uma figura feminina, em busto ou de corpo inteiro, com a cornucopia da abundância ou outros sinais da fecundidade, figura que Isabelle Morand interpreta como “dispensatrice des richesses”.

Se os mosaicos exprimem uma visão do mundo, por outro lado reflectem a ideia que o *dominus* pretendia dar de si mesmo, a sua normativa étnica: a ideia de um senhor cultivado (donde a preferência pela representação das Musas e, ocasionalmente, pela de cenas da *Iliada* e da *Odisseia* ou da dramaturgia antiga), senhor que vivia numa atmosfera de paz (donde a predilecção pelo tema de Orfeu encantador dos animais).

Contraditoriamente, outros mosaicos apresentam temas que parecem glorificar o *furor*, *mania*, o êxtase, o delírio, a paixão. Na realidade, não se trata de uma glorificação do estado passional, mas de uma demonstração de que o homem é feito de *ego* e *alter ego*, de inteligência e alma: se a primeira segue a sabedoria, a alma pode ser desviada pela paixão e cair no *furor*, na inquietação, no sofrimento. A paixão é todavia um estado transitório e a *virtus* “é a força que opõe, à queda na paixão, a recusa de se deixar dominar por ela” (p. 267).

Final, as ideias que os mosaicos das *villae* exprimem não correspondem a uma ideologia, a uma cultura e a uma espiritualidade próprias dos proprietários rurais da Hispânia romana: são ideias de qualquer cidadão romano de bom nível socioeconómico e sociocultural.

Integrada numa corrente, que é já ampla, de autores a quem os mosaicos interessam sobretudo como documentos para a história da cultura, Isabelle Morand produziu uma obra de sólida hermenêutica.

JORGE DE ALARCÃO

GIMENO PASCUAL, Helena, *Artisanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania*, Publicación de la Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1988. N.º 8 da série «FAVENTIA. Monografies». 98 pp. Sem ilustrações. ISBN: 84-7488-396-2.

Também no domínio do estudo das profissões detém a epigrafia papel fundamental. Nos textos votivos, a indicação da profissão por parte do dedicante revestir-se-á, sem dúvida, duma forma de reconhecimento à divindade: o exercício daquela profissão trouxe prestígio, permitiu a acumulação de riqueza, fomentou bem-estar - e o devoto agradece a bênção recebida. Nos textos funerários - de longe, os mais abundantes neste tipo de informação - a alusão à profissão exercida prende-se preferentemente com o prestígio social adquirido.

Um enorme campo de investigação a palmilhar. Não admira, portanto, que para o recente XI colóquio *L Africa Romana* (Cartago, Dezembro de 1994) se haja escolhido como tema «A ciência e as técnicas nas províncias romanas da África do Norte e no Mediterrâneo». O recurso aos monumentos epigráficos foi fundamental, como se verá nos textos a publicar nas actas.

Quanto à Península Ibérica - depois de artigos vários que abordaram, de modo especial, as profissões liberais - este trabalho de Helena Gimeno, que tem

passado um pouco despercebido, constitui, não há dúvida, a primeira grande síntese acerca dos artesãos e dos técnicos documentados na epigrafia romana de Hispânia.

Trata-se da sua dissertação de licenciatura e há que louvar, antes de mais, a circunstância de ter sido publicado, embora, evidentemente, a Autora possa confessar hoje, como confessa, de que o faria agora doutra maneira. É natural, que investigação é isso mesmo: caminhada. Mas o louvor justifica-se cabalmente: primeiro, pelo que ele significou de incentivo para quem o fez (e oxalá o exemplo fosse seguido por muitas universidades, detentores de excelentes trabalhos de pesquisa feitos pelos seus estudantes - de todos os níveis - e incapazes de criarem condições para a sua publicação!); depois, porque este catálogo se impunha. Se verificarmos, depois, que se trata, de facto, duma pesquisa séria, metodologicamente correcta, indispensável ponto de partida para ulteriores investigações, mais razão se dará ao elogio.

Depois de uma introdução em que expõe, com clareza e sucintamente, os critérios adoptados - inclusão de todas as menções de ofícios «que reflictam a participação na criação duma obra tangível para a qual se requeira uma habilitação profissional, ou seja, um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos e a utilização de instrumentos». E, pois, algo de muito preciso.

Constitui a primeira parte do livro (pp. 7-51) o catálogo dos ofícios atestado nas inscrições, agrupados em função da matéria-prima trabalhada (joalharia e metais, pedra, cerâmica, técnicas construtivas, têxteis, couro e pele) ou da actividade fundamental (alimentação e higiene). Na segunda parte (pp. 62-76), esboçam-se as conclusões, subdivididas nos seguintes temas: limites cronológicos, os campos do artesanato, os testemunhos mencionados pela primeira vez na literatura ou na epigrafia, a distribuição das referências em função da divisão administrativa, repartição geográfica por sectores e, finalmente, aspectos sociológicos ligados aos artesãos. Entre a primeira e a segunda parte, incluem-se diversos apêndices documentais (entre os quais se inserem as referências profissionais contidas numa das tábuas de bronze de Aljustrel) e indicam-se, por fim, as fontes literárias e a bibliografia consultada, com a respectiva lista de abreviaturas. Completam a obra índices de ofícios, dos *nomina* e *cognomina*, dos topónimos e de *notabilia*. Em aditamento, quatro pequenos textos, de interpretação problemática.

São comentadas, ao todo, 73 inscrições (sem contar as dos apêndices). Apresenta-se de cada uma o texto; caracteriza-se a epígrafe no essencial e comenta-se, sobretudo, a informação que se prende com o tema. Um comentário cuidadoso, bem documentado, fazendo apelo a outras referências de índole literária, por exemplo. Aliás, cada um dos capítulos apresenta uma introdução que dá logo um panorama do que se conhece no domínio em causa.

De particular interesse se revestem, todavia, as conclusões. Aponta-se a escassez de menções epigráficas de ofícios artesanais na Península: em 10 000 textos revistos, só em 67 essa menção existe, totalizando 73. E, dentre estas, só em 51 há a menção explícita do nome do artesão. Também se conclui que a quase totalidade das menções se circunscreve ao Alto Império; as alusões datáveis do século III ou posteriores são honoríficas e dizem respeito a uma colectividade.

Registam-se 35 ofícios diferentes e é curiosa também a comparação que a autora faz com o que se sabe do mundo romano. Assim, por exemplo, «das 32 menções que conhecemos para joalheiros, ourives e prateiros no mundo romano, atestam-se na Península 9» (p. 66); em relação aos trabalhadores das minas, a proporção é de 11 para 3; quanto aos trabalhadores da pedra, 34 para 4; de ceramistas, 13 para 1 (de Briteiros). No sector ds construção, há 52 testemunhos no mundo romano e «faltam quase todas as especialidades na Península» (p. 68).

Debruça-se ainda a autora sobre o facto de essas referências não terem uma localização predominantemente urbana, como seria de esperar, concluindo que a escassez de informação epigráfica se deve buscar em «razões de tipo sociocultural ou de hábitos epigráficos» (p. 73), no que estamos inteiramente de acordo. Predomina a placa, como tipo de monumento, o que indicia tratar-se de epígrafes destinadas a mausoléus ou edifícios funerários de certo vulto, o que leva a autora a pensar que estaremos frequentemente em presença de «pequenos empresários» (p. 75). Embora se documentem diversas condições sociais, predominam os libertos; a mulher está ausente, salvo raras excepções: uma *lintearia* em Tarragona, uma *sarcinatrix* em Córdova, uma *ornatrix* em Cádiz e outra em Lugo (p. 76). E afirma Helena Gimeno, a terminar:

«É possível que os testemunhos de artesãos não estejam escritos nas lápides e seja preciso ir buscá-los noutros locais».

Cremos que sim: a menção do ofício numa inscrição prende-se directamente com o prestígio alcançado e, em textos votivos, com uma atitude de reconhecimento perante a divindade, se o exercício da actividade artesanal lhe trouxe grandes benesses. Na maioria dos casos, o artífice impor-se-á na comunidade 'assinando' os seus trabalhos - mas as marcas de fabrico, o *instrumentum* constituem outro capítulo, que Helena Gimeno não abordou. Como também excluiu - o que é compreensível nesta fase da elaboração dos *corpora* epigráficos peninsulares - a possibilidade de identificação dos artífices mediante elementos decorativos característicos.

Mas nem tudo se deve abarcar duma só vez e a obra de Helena Gimeno permite-nos desde já ficar a saber que, no que respeita ao território actualmente português, excluindo as referências das tábuas de bronze de Aljustrel (que regulamentam, como se sabe, o exercício de várias profissões - os *sutrini*, sapateiros, os *tonstrini*, barbeiros, os *scaurarii* e *testarii*, exploradores de escórias de minério e de pedra - dentro do distrito mineiro de *Vipasca*), são os seguintes os ofícios epigraficamente documentados:

- *artifices* em geral, no escudo do guerreiro de Refojos de Basto (nº 1);
- o *lapidarius* de Santa Eulália de Barrosas, Lousada (nº 23);
- o *marmorarius* do santuário de Endovélico (nº 27);
- Caturão, um *figulus* (ceramista) de Briteiros (nº 31);
- um *tector* (especialista em revestimentos) na *civitas Igaeditanorum* (nº 36);
- *fullones* (pisoeiros) em Montariol (S. Vítor, Braga - nº 56) e um em Caldas de Vizela (nº 55); é profissão a que também se refere a legislação mineira de Aljustrel.
- e, finalmente, um *sutor* (sapateiro) em Várzea do Douro (nº 63).

Embora documentado na Coruña, há, como se sabe, um *architectus* natural de *Aeminium* (Coimbra) - nº 37. A discussão mais completa sobre a epígrafe foi feita por Patrick Le Roux («Le phare, l'architecte et le soldat: l'inscription rupestre de la Corogne (CIL II 2559)», *Miscellanea Greca e Romana* - XV, Roma, 1990, 133-145), que reitera a convicção de que *Gaius Sevius Lupus* é, na verdade, o arquitecto do farol da Coruña, obra que terá executado «no quadro duma missão confiada pelo poder imperial ao exército» (p. 145).

Enfim, sobre este tema dos ofícios muito há, pois, para dizer - e o livro de Helena Gimeno Pascual, breve no tamanho, reveste-se, porém, do maior interesse por haver discutido a totalidade das referências epigráficas peninsulares. Na sua qualidade de trabalho pioneiro, é, como atrás dizia, impressindível ponto de partida para a investigação que, neste domínio, se quiser fazer.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CORELL, Josep, *Las Inscripciones Romanas de la Safor*, Ediciones Clásicas S. A., Madrid, 1993, 155 pp., ilustr. ISBN: 84-7882-096-5.

Integrado na série de publicações do Departamento de Filologia Clássica da Universidade de Valência - a que foi dado o nome de Tyris e cujo aparecimento Marc Mayer saúda, com entusiasmo, no prólogo - a obra constitui o repositório de todas as inscrições latinas conhecidas provenientes da região designada La Safor, isto é, o extremo sudeste da província espanhola de Valência, abarcando uma área de 428,5 km² (cf. o mapa inserto na p. 119).

São, ao todo, 38 monumentos epigráficos de que ressalta, logo à primeira vista, um traço comum: quer pela tipologia quer pela onomástica, documentam uma população que aí se instalou nos primórdios da nossa era e se manteve alheia a possíveis contactos com gentes vizinhas. Na verdade, os monumentos são exclusivamente de índole funerária, predominam as esteiras lisas de topo arredondado e abundam gentílicos e cognomes (nomeadamente de etimologia grega) que só ali se testemunham à escala peninsular (v. g.: *Asmenos*, *Asterope*, *Constitutus*, *Damalis*, *Esychus*, *Mystes*, *Nicostratus*, *Paelignus*, *Pancarpe*, *Potens*, *Saufeius*, *Strobilus*, *Talpicus*...). Prefigura-se, pois, uma população de comerciantes e de agricultores, com seus escravos e libertos.

Não traz o volume novidade de maior ao nível de leituras, interpretações ou dados inéditos. Detém, no entanto, o sumo interesse de reunir toda a documentação epigráfica existente e de possibilitar, por isso, a conclusão acima apontada.

Em comentário ao meu *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais* (Cascais 1994), escreveu amavelmente Giancarlo Susini: «Ci si augura che ogni contrada del mondo antico possa disporre di simile compendio, pur accanto ai necessari e tradizionali cataloghi» (*Epigraphica* 56 1994 267). Ora aqui está também, na obra de José Corell, a concretização do voto formulado.

Na introdução, faz-se a história da investigação epigráfica local, caracteriza-se o contexto geográfico e histórico, traça-se logo uma panorâmica do material a estudar. Seguem-se o rol das abreviaturas bibliográficas usadas e a bibliografia.

Conimbriga, 34 (1995), p. 205-222